



Adeus limpa-fornos

F

ui salvo pela minha sogra. Depois de anos de lutas inglórias, foi a minha sogra – mulher de extrema sensatez – quem criou, com meia dúzia de palavras, o enquadramento teórico para que fosse banido lá de casa um dos mais temíveis poluentes domésticos: o limpa-fornos.

Atenção que não estou a falar de um produto qualquer. O limpa-fornos é, por natureza, um autêntico *bulldozer* químico. Nada mais seria capaz de remover aquela derme de gordura carbonizada que usualmente orna as paredes do forno no decurso de sucessivos grelhados, assados e afins calóricos.

O meu contacto com o agente de limpeza é nasal. Noto logo, pela morte súbita de algumas células do epitélio olfactivo, que o forno foi a banhos. As invulgares emoções cáusticas propagam-se das narinas aos olhos, até se instalarem na cabeça, que lateja para avisar que ainda estou vivo. Mas o forno, ah, esse fica um brinquinho!

Não será por acaso que uma das marcas desse mirabolante produto é conhecida como “diabo verde” – uma potencial alcunha que alguns industriais e construtores civis não se importariam de aplicar a qualquer associação ecologista. No contexto aqui em tela, porém, a satânica designação só pode antever o pior para o planeta.

Basta ver os conselhos da Deco, que nestas coisas é insuspeita, a não ser que desconfiemos. Diz a associação pró-consumidores que, ao se utilizar um produto daqueles, devem ser observados alguns cuidados elementares: não utilizar o forno naquele dia, não deixar crianças na cozinha, vestir luvas de borracha, usar óculos de protecção, deixar a porta aberta durante oito horas. Coisa simples, portanto, que aliás não preocupa nada.

Num *site* na Internet, outra organização pró-ambiente-e-consumidores posiciona o limpa-fornos no topo da lista dos “seis produtos do dia-a-dia que você mais gostaria de evitar”. Esclarece o texto que o limpa-fornos contém uma série de substâncias que o tornam “corrosivo para a pele e olhos e, quando inalado, para os órgãos internos”. Ou seja, provavelmente tenho já as entranhas semidissolvidas.

O limpa-fornos é o expoente máximo do arsenal de químicos armazenado em qualquer habitação decente, ou seja, na qual os respectivos donos prezam pela sua limpeza. Fui agora mesmo verificar o meu paiol e aqui ficam alguns exemplos de evidente belicidade. O limpa-móveis é “extremamente inflamável”. O desentupidor de canos e o superdesengordurante são “corrosivos”. O produto para dar lustro ao chão e a lixívia são “irritantes”. E o creme de limpeza contém formaldeído, um conhecido “cancerígeno”. O assustador léxico dos potenciais perigos faz dos receios da co-incineração um autêntico de conto da Carochinha.

Qualquer família que aspire à sustentabilidade tem de resolver este choque antagónico entre a limpeza aparente e a poluição profunda. E foi aí que a minha sogra me ajudou, trazendo à discussão a saída perfeita. “Os limpa-fornos costumam estragar o termóstato, sabiam?”, disse ela. Imediatamente compreendemos por que o forno eléctrico lá de casa está sempre a avariar. E, naquele instante, a minha mulher acedeu em banir o sinistro produto da lista de compras, porque não há nada pior do que um forno sujo do que um forno que não funciona.

Ajoelhei-me aos pés da minha sogra, em vassalagem perante a sua sapiência. E agora, em nome do desenvolvimento sustentável, vou-lhe ligar todos os dias. ●

Ajoelhei-me aos pés da minha sogra, em vassalagem perante a sua sapiência

Jornalista
rgarcia@publico.pt